

São Cristóvão-SE/Brasil
21 a 23 de setembro de 2011

V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

O LUGAR DA MULHER NO COTIDIANO DA CIDADE

Alfrancio Ferreira Dias¹

Eixo temático 15 - Pesquisa fora do contexto educacional

RESUMO

Esse artigo discute o lugar das mulheres no cotidiano da cidade. Indaga-se até que ponto esses ares da cidade libertam ou libertaram as mulheres e se há, de fato, espaço de sociabilidade no cotidiano das cidades. Busca contribuição da Sociologia do Cotidiano para mostrar a interiorização/individualização da vida feminina; o endurecimento das mulheres caracterizado pelo individualismo das culturas avançadas; a fuga e a dependência do cotidiano; os espaços cotidianos de poder e de trabalho feminino na cidade. Essas observações certamente não esgotam o tema da hospitalidade urbana. Seria necessário realizar um inventário desses locais e de suas formas, públicas e privadas, na diversidade de suas funções. Mas não se pode fazer a abstração da diferença dos sexos que percorre e faz o traçado da cidade, espaço social, étnico e sexuado.

Palavras-chave: Sociologia do cotidiano. Mulher.Cidade.

ABSTRACT

This article discusses the place of women in daily life of the city. One wonders to what extent these airs of the city liberate or liberated women and if there is indeed space for sociability in everyday life of cities. Search Daily Sociology's contribution to show to the internalization/individualization of women's life; hardening of the women characterized by individualism of advanced cultures; the escape and dependence on daily; the everyday spaces of power and women's work in the city. These observations certainly do not exhaust the topic of urban hospitality. It would be necessary to conduct an inventory of these sites and their ways, public and private, in the diversity of their functions. But one cannot make abstraction of difference between the sexes that goes and does the layout of the city, social space, ethnic and sexual.

Keywords: sociology of everyday life. Women.City.

¹Doutorando em Sociologia pelo Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais; Professor do departamento de Ciências Humanas e Letras – UESB; Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPQ Estudos sobre Trabalho e Relações de Gênero – UESB; Membro do Grupo de Pesquisa Estudos em Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero, e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações de Gênero – NEPIMG vinculado a Universidade Federal de Sergipe; diasalfrancio@hotmail.com.

1. Introdução

Não há muito tempo, um sábio professor disse-me que “os ares da cidade libertam”. Aplicando-se tal pensamento na contemporaneidade, com vista à análise da situação das mulheres no cotidiano da cidade, levanta-se a seguinte indagação: até que ponto esses ares da cidade libertam ou libertaram as mulheres? Há, de fato, espaço de sociabilidade no cotidiano das cidades? Essas questões-chave guiarão a discussão do presente trabalho, cujo objetivo é mostrar o processo de conquista das mulheres por espaço na vida cotidiana.

Historicamente, a vida cotidiana das mulheres restringia-se aos seus papéis privados, que demonstravam onde localizavam-se, como estavam seus corpos dentro de suas casas, gestos cotidianos, por vezes, repetitivos.

Para Perrot (2005), a questão do poder colocou-se rapidamente, uma vez que tal elemento possui um caráter fundamental na relação entre os sexos. Tal relação foi declinada em todas as suas formas: o poder, influência, força, decisão etc. A distinção entre público e privado apresentou-se, ao longo do tempo, como uma categoria política, expressão e meio de uma vontade de decisão sexual dos papéis, das tarefas, dos espaços, produtora de um real e constantemente remodelar. As interrogativas inerentes a esse contexto lançaram a reflexão sobre a singularidade de uma cidadania tão tardia e, com isso, do modelo político francês reexaminado à luz do gênero. O movimento da década de 90, pela paridade homens/mulheres na política, colocou, explicitamente, a interrogação sobre o universal, sobre a relação sexo/gênero/indivíduo, e as soluções propostas corresponderam a filosofias políticas diferentes.

Nesse contexto, observa-se o aparecimento de algumas publicações que vislumbraram, no seu campo de estudo, os escritos políticos como, por exemplo, os de George Sand (*Politique et Polémiques*) e Michelle Perrot (*Femmes Publiques*), que contribuíram para uma reestruturação histórica do silenciamento das mulheres na sociedade. Dessa forma, na última década, a produção acadêmica passou a focar intensamente, em suas pesquisas, a inserção da mulher nos espaços públicos da cidade.

O termo “cidade” será utilizado aqui em duas concepções. A primeira, no sentido jurídico e político², relativo à existência dos direitos e, mais amplamente, à publicidade. A segunda, no sentido espacial, que toca o espaço urbano (materialidade dos lugares e dos olhares). A publicidade das mulheres, seu lugar, sua função, seu papel no espaço público, na

² Entendido também por J. Habermas como a construção de uma esfera pública das mulheres, ou sua participação no espaço, na opinião, na comunicação pública. Compactua dessa mesma ideia Perrot (2005).

forma da opinião e dos imaginários públicos incitam acusar mais rigorosamente a cidade e as questões de gênero.

2. O que pensar do cotidiano das mulheres?

A sociologia de Simmel encontra-se enfatizada no particular, no normal, no acidental, no essencial ou significativo – é o que diz Pais (1993). Parece-me,então,que na sociologia de Simmel tudo torna-se um espaço provisório, interino, experimental, isto é, nada é tido como produto acabado ou integrado num sistema único, o que acaba deixando notória uma construção de uma ambivalência social no seu discurso. Ao pensar nas mulheres, são encontradas, na sociologia simmeliana, expressões assaz corriqueiras, como: “de certo modo as mulheres”, “talvez as mulheres”, “por um lado as mulheres”, “por outro lado as mulheres”, expressões tais que nos fazem usar o imaginário com maiores possibilidades. Na medida em que Simmel cria, na sua sociologia, um espaço do “talvez”, num discurso que sugere o experimental, também cria através das possibilidades negativas e positivas do prazer subjetivo da sedução.

Não obstante as mulheres fossem parte de uma sociedade global e inicialmente dominada pelo poder do homem, exerceram o poder que lhes estava ao alcance. As mulheres no cotidiano das cidades do século XIX – pode-se imaginar que foi provavelmente em todos os tempos –, por exemplo, não foram só vítimas ou sujeitos passivos, visto que utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, muitas vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes. Há abundantes imagens de mulheres resplandescentes, de avós reinando sobre sua linhagem, de mães abusivas, de donas-de-casa autoritárias que dirigem seus empregados, donas-de-casa populares a quem os homens chamam de “a burguesa” porque eles lhes entregam seu pagamento e elas controlam seus lazeres, mulheres cotidianas ou excepcionais que investem sobre a vida diária ou o social (PERROT, 2005, p. 273).

Da forma de ver-se no cotidiano para a forma de encontrar-se no cotidiano: esse foi o processo desempenhado pelas mulheres no decorrer da globalização da sociedade, ou seja, de transformar a visão de subalternidade, submissão e passividade ou até de inexistência da autonomia feminina. Conforme se observa em Simmel (2005), os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade. No pensamento deste autor, o homem é um ser que faz distinções, isto é, sua consciência é estimulada mediante à distinção da

impressão atual frente à que lhe precede. As impressões persistentes, a insignificância de suas diferenças, a regularidade habitual de seu transcurso e de suas oposições exigem, por assim dizer, menos consciência do que a rápida concentração de imagens em mudança, o intervalo ríspido no interior daquilo que se compreende com um olhar, o caráter inesperado das impressões que se impõem (2005, p. 578).

Acredito que a ideia de Simmel, de que os indivíduos são seres que fazem distinções, encaixa-se perfeitamente como argumento para explicar o eixo de desencaixe na história das mulheres na transição de um cotidiano privado para um cotidiano público. Através da modificação da consciência, as mulheres tornaram-se mais persistentes, impuseram suas diferenças e, mais importante, protestaram a vivência do cotidiano vivido por elas.

Para Pais (1993), a sociologia do cotidiano é uma sociologia do protesto contra todas aquelas formas de reificação do social, animadas por uma avassaladora ânsia de progressão. Na sociologia do cotidiano, o importante é “fazer insinuar o social”, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse. Nesse modo, esta sociologia caracteriza-se como algo a ser descoberto, imaginado e construído.

Nesse sentido, coube às mulheres descobrir-se, imaginar-se e construir-se dentro do cotidiano, a partir da posse de uma verdadeira consciência social. Tal consciência surge das inter-relações sociais na medida em que todo sujeito tem sua conduta influenciada ou influenciadora, bem como alimenta-se de novas possibilidades a partir dessa “estrutura e dualidade”. Giddens (2003) mostra, de forma clara, a estrutura e a dualidade (influenciar/ser influenciado) da sociedade, no momento em que reflete sobre os aspectos rotinizadores do cotidiano, que se reporta à prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas pela *segurança ontológica* (confiança que a realidade é o que parece ser).

Desse modo, cotidiano pode ser conceituado como a normalidade e a contingência. Pais (2003) costuma dizer que no cotidiano nada se passa de modo a fugir da rotina e da monotonia, ou seja, para o autor, o que se passa no cotidiano é rotina, visto que a ideia de rotina aproxima-se mais da ideia de cotidianidade e, também, pode expressar o hábito de fazer as coisas sempre da mesma forma, adversas ao novo, considerando o ponto de vista de sua regularidade, normatividade e repetitividade, “o cotidiano manifesta-se como um campo de ritualidades” (PAIS, 2003, p. 28).

A rotina pode também ser considerada como uma construção das atividades sociais do dia-a-dia a partir das ações do consciente e do inconsciente. Os limites do que as mulheres podem fazer não são somente de ordem jurídica; passam sobre a opinião pública, esta

amplamente moldada pelos homens e vigilante em definir a mulher “como deve ser”. É válido ressaltar que, na modernidade, estes limites mudaram consideravelmente.

O lugar das mulheres no cotidiano, historicamente e de forma ampla, foi regulamentado pelos homens. Segundo Perrot (2005), fazer mulheres adaptadas às suas tarefas naturais (esposas, mães, donas-de-casa) é o papel de uma educação que continuou por muito tempo privada, questão familiar e maternal, questão das igrejas –essa última, em um lugar menor, ao lado das práticas domésticas, morais e caritativas.

A organização do cotidiano continua a ser o grande teatro da vida das mulheres e a base de seu poder, o local de seu trabalho, de seus sofrimentos, como também de seus prazeres. Elas encontram, aí, compensações cuja natureza deve ser questionada. Pois se a massa das mulheres consente em seu papel, encontrará nele justificativa e, frequentemente, felicidade, sentido de sua existência e até mesmo sentimento de superioridade em relação às independentes que recusam a sujeição do casamento.

No entanto, parece-me que dentro do cotidiano das mulheres, apesar de existir visivelmente a rotina, buscam-se caminhos para uma ruptura da rotinização, e é esse processo, localizado entre a rotina e ruptura, que Pais (1993, p. 109) aborda na sociologia do cotidiano. Na sociologia do cotidiano de Pais a paisagem social é passada a pente fino; os significantes são mais procurados que os significados e, ao mesmo tempo, busca-se juntá-los como pequenas peças num sentido mais amplo, como se se tratasse de uma sociologia passeante, que vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, sem pretensões de esgotá-los, aberta ao que se passa, mesmo quando nada se passa. Desse modo, percursos de transgressão em relação a formas de conhecimento sociológico alheias aos movimentos que cotidianamente ritmam as constâncias, variâncias e circunstâncias da vida social.

2. Por que isto me ocorre?

Esse questionamento faz-se através de conjunturas diversas que caracterizam o ser mulher enquanto indivíduo colonizador, que se depara consigo mesmo, propondo-se a fazer coisas grandiosas; indivíduo que, muitas vezes, caminha sem sair do mesmo lugar e, em alguns momentos, sente-se farto de tudo. Estamos, aqui, falando de um ser humano que coloniza o habitat firme e natural do seu próprio eu.

Heidegger muito contribui nessa discussão quando destaca que a Antropologia é a interpretação do homem que, no fundo, já sabe o que é o homem e que, por consequência,

nunca pode perguntar quem ele é. Assim, a mulher pode ser entendida como uma heroína que contra-ataca o mundo hostil de forma errada, ou como anti-heroína determinada, um ser com especificidades de um animal cercado pelos conceitos de parentesco, prosperidade e genealogia do seu próprio contexto.

O processo posto pela evolução da humanidade possibilita às mulheres transcender de uma posição de, digamos, encurralada, para um indivíduo que evolui a uma nova forma de consciência temporal interior, isto é, indivíduo que, na busca pelo futuro, planeja e progride. Uma nova tendência radical de interiorização da vida, cuja contemplação deve pedir agora uma indeterminação estreita e opressiva, na qual as relações globais – urbano/campo – condenam a vida da maioria. Essa incapacidade do ser humano de escapar surgiu, conseqüentemente, a partir das pressões agrárias e das restrições anteriores da vizinhança urbana. Tal incapacidade está intimamente ligada à evolução de uma forma de consciência temporal interior.

Segundo Simmel (2005, p. 583), enquanto o sujeito ajusta-se inteiramente, por conta própria, a essa forma de existência, a sua autoconservação frente à cidade grande exige-lhe um comportamento não menos negativo de natureza social. A atitude espiritual, uns para com os outros, dos habitantes da cidade grande poderia ser denominada, do ponto de vista formal, como reserva. Se o contrato exterior constante com incontáveis seres humanos devesse ser respondido com tantas quantas reações interiores— assim como na cidade pequena, na qual se conhece toda pessoa que se encontra e, por isso, se tem uma reação positiva com todos —, então os habitantes da cidade grande estariam completamente inimagináveis. Em parte, por conta dessa situação psicológica; em parte, em virtude do direito à desconfiança que temos perante os elementos da vida da cidade grande, que passam por nós em um contato fugaz e, sendo assim, somos coagidos àquela reserva, em virtude da qual mal conhecemos os vizinhos que temos por muitos anos, fato que, frequentemente, leva o habitante da cidade pequena a julgar aqueles da cidade grande como frios e sem ânimo.

O endurecimento das mulheres caracterizado pelo individualismo das culturas avançadas tem indícios de estar associado a um “estar no mundo” sem perspectivas, ou seja, mulheres ausentes, em fuga de controle, contenção e paciência no cotidiano. Esse Ser-áí preso exemplifica o sentido de individualização, que nos tempos modernos é muito mais o fundir-se na pluralidade de significados do próprio Eu, pois na medida em que há divergências abrangentes e profundas entre indivíduo e sociedade, mais conflituosa será essa relação, visto que o próprio indivíduo internaliza lutas entre as partes de sua essência. Para Simmel (2006), a sociedade quer ser uma totalidade e uma unidade orgânica, de maneira que cada um de seus

indivíduos seja apenas um membro dela, visto que a sociedade demanda que o indivíduo empregue todas as suas forças a serviço da função especial que ele deve exercer como seu integrante. Nesse sentido, ele também se transforma até tornar-se o veículo mais apropriado para essa função; o impulso de unidade e totalidade é uma das características do indivíduo para ir contra esse papel. Todo indivíduo quer ser pleno em si mesmo, e não somente ajudar a sociedade a tornar-se plena; todo indivíduo quer desenvolver a totalidade de suas capacidades, sem levar em consideração qualquer adiamento exigido pelo interesse da sociedade. Assim,

[...] a contraposição entre o todo – que exige de seus elementos a unilateralidade das funções parciais – e a parte – que pertence ser ela mesma um todo – não se resolve a princípio: não se constrói uma casa a partir das casas, e sim a partir de pedras especialmente formadas; nenhuma árvore cresce a partir de árvores, e sim a partir de células diferentes (SIMMEL, 2006, p. 84).

Mesmo com toda a vontade de fuga, sentimento próprio de quem se depara com problemas encontrados no cotidiano, as mulheres são convocadas a participar de um processo de sociabilidade – reconhecimento de si próprio e dos outros –, característico da modernidade³, e, ainda que seja mais amplamente vislumbrado no cotidiano das cidades atuais, esse processo de esquemas coletivos e integração com o grupo⁴ é transmitido às mulheres, de geração em geração, através da análise do *habitus* do que Bourdieu (2002) chama de incorporação da objetividade. Para ele, a interiorização dos esquemas coletivos é a integração no grupo, uma vez que aquilo que é interiorizado é o produto da exteriorização de uma subjetividade estruturada de modo semelhante, ou seja, a continuidade entre as gerações estabelece-se praticamente através da dialética da exteriorização da interiorização e da interiorização da exteriorização, que é, em parte, o produto da objetivação da interioridade das gerações passadas.

³Pais (2007) concorda que na chamada modernidade reflexiva temos mais e mais possibilidades de afirmar a nossa individualidade. Porém, para o autor, a afirmação do eu não significa apenas um *conhecimento de si* próprio, mas um *reconhecimento* de si por parte dos outros. “São os outros que falam de mim sem que eu o saiba, que me objetivam encerrando-me numa imagem que é mais real do que a realidade de quem sou. Arbitrariedade insólita esta, a de ver-me despojado de mim mesmo por efeito da imagem que os outros fazem de mim. E porque não apenas sou o que penso de mim, mas a imagem que os outros de mim constroem, acabo por me disseminar na representação dos outros, na qual me olho ao espelho para me reaprender. Essa aprendizagem de mim mesmo, quando me olho na imagem espelhada das representações dos demais, permite recuperar essa coisa estranha que sou para mim mesmo só pelo simples facto de o ser para os demais. Este é um gênero de reflexividade induzida pelo outro”.

⁴Também se aproxima com a ideia de configuração desenvolvida por Elias (2005). Para o autor, a ideia de configuração é entendida por o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, visto que é a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros, ou seja, o conceito de configuração chama a atenção para a interdependência das pessoas” (PAIS, 2007, p. 31).

É relevante a ideia de Bourdieu de incorporação da objetividade através da análise da dialética da interiorização/exteriorização – que resulta na passagem de geração a geração a produto das relações com um grupo –, para tentar analisar o processo em que as mulheres no cotidiano das cidades, porém, ainda considera-se insuficiente para vislumbrar a individualização e estado de joga que vivem as mulheres nas cidades modernas.

As mulheres no cotidiano das cidades vivem os conflitos da pluralidade de significados da sociedade. Tais conflitos são palco do cotidiano, pois não se define cotidiano pelas suas regularidades, mais sim pelo contrário; trata-se de um campo de batalha, no qual são necessárias estratégias de luta. O outro como combatente pode transformar o cotidiano em um espaço cercado, podendo as mulheres ser comparadas a um animal sem saída dentro de um espaço público repleto de batalhas.

Como animal sem saída⁵, a mulher pode fazer de si mesmo algo novo, novas interpretações do que ela ainda não tentou ser, na tentativa de suportar a falta de saída. Assim, a humanização só é inteligível como a saída que o animal sem saída fez na sua fuga para frente. As mulheres, nessa perspectiva, são criaturas em fuga para frente, sedentas do processo de metamorfose, pois na tentativa de encontrar uma saída, ou de aceitar qualquer esforço para mudar, constitui o funcionamento da história da espécie como trabalho para a saída.

Esse ser humano busca, em exatidão, por mudanças, não só uma migração de aqui pra ali, entrando num processo a que Sloterdijk chama de “metáfora de movimento”, o qual deixa entrever por um instante uma tese sobre o modo de ser do homem, uma tese que, se fosse formulada mais explicitamente, poderia ser constituída como o homem é um animal determinado a estar em mudanças. Convém, dizer que a metáfora de movimento – processo de mudança do ser humano – levará o homem a um modo de ser, que passará por pré-existência, existência e pós-existência.

Desde o início das culturas avançadas, o processo da espécie mostra-se, de forma crescente, como história do cerco do homem pelo homem. Até a tese marxista de que toda a história é a luta de classes, perde o seu falso acento assim que tomarmos em consideração que lutas de classes talvez sejam apenas um título provisório para um processo fundamental: os

⁵Sloterdijk (2008) para exemplificar o Eu encercado, firme, deprimido utiliza como exemplo a humanização do macaco no conto *Dissertação de uma Academia* de Kafka, um macaco convertido não muito tempo atrás à civilização, presta contas da história da sua humanização perante um público de formação burguesa. Enquanto novato na espécie, o macaco pode reconhecer o peculiar da situação do homem de uma forma mais perspicaz do que qualquer outro membro habitual da raça humana. O macaco, através da retrospectiva de sua vida animal ganha consciência do que perdeu e ganhou no percurso da sua terra nativa para cidade. Assim, como representante dos animais demonstra ao seu público a verdadeira determinação do homem: “o homem é o homem que não podia ir-se”, logo, o que aprendemos a chamar de homem é na verdade um ser vivo sem saída.

movimentos de cerco de sociedades hierárquicas complexas nas quais as, assim chamadas, classes dominantes declaram o estado de sítio sobre as dominadas.

Fortuna (2008) aborda o discurso sobre a relação entre cidade e comunidade, na qual se processa antes de tudo a polarização da cidade, da cultura e do espaço público. Assim, como outros teóricos, Fortuna apresenta uma proposta de análise da cidade centrada no esgotamento e na hegemonia da condição urbana, num desfecho urbano sem outro retorno se não o aprofundamento na análise reflexiva sobre cidade. Essas reflexões para ele são feitas ao desenvolvimento urbano da cidade, que começa a dar sinais de se tornar o modelo de vida dominante no globo.

Michel Foucault retoma as técnicas de cuidado de si da Baixa Antiguidade Grega e Romana que não podia ter sido levada a cabo sem certa íntima participação nos mecanismos descritos. Revela, ainda, o importante fato psico-histórico de que, a partir de culturas de nível antigo, o endurecimento começou a ser uma questão de todos os indivíduos. Num olhar retrospectivo a semelhantes considerações, torna-se evidente o quanto é questionável a tese recorrente de que a individualização elevada é um fato típico da modernidade, pensando-se na individualização juntamente com a elaboração ativa de resistência para a recaída ao longo do processo de civilização na época moderna. As fronteiras do Eu entre indivíduos modernos são, sob muitos aspectos, mais debilmente formadas do que entre membros das sociedades tradicionais. Temos a sensação de progresso, pois conseguimos ultrapassar a herança, tornada incômoda, do autoendurecimento e da autodefinição.

O indivíduo historicamente esclarecido é aquele que reconhece que não pode escapar— e que é melhor também não o querer — das circunstâncias que não são susceptíveis de ser transformadas, mas apenas de ser suportadas.

As mulheres começam a ser isoladas, em estado de separação umbilical, da mãe. Para ser teoricamente considerável, a mulher deve ter feito, no mínimo, o esforço de “ser um fenômeno”, visível e feito para ser notado como um ser peculiar, específico, nascido e individualizado. Mas, tanto para a psicologia como para a consciência do cotidiano, tendencialmente, só há mulheres a partir do momento do segundo nascimento, quando a dissolução da simbiose pós-parto com a mãe permite falar de uma afetiva individualização.

3. A fuga e dependência do cotidiano

Estabelece-se, para iniciar essa seção, a música como exemplo de fuga, que no último século, se põe como o mediador universal, possibilitando que a época sem espaço

procure cobrir as suas necessidades de fuga e dependência do mundo. Na atualidade, é bem possível encontrar um fenômeno de cultura contemporânea com vestígios de técnicas quase musicais de distanciamento do cotidiano.

Partindo da necessidade de fuga das mulheres, possibilitada pelo processo de ser em mudança, menciona-se, aqui, o consumo das drogas – a análise de formas de fuga das mulheres deve partir de uma nova perspectiva, que não reduz a fuga à ausência voluntária e inconsequente; essas drogas propiciam outras formas de dependências difusas e não narcóticas, questionando-se a associação à dependência⁶. Tal dependência pode ser explicada a partir da formação explícita da vontade de não-ser das mulheres, permanecendo, daí, um empreendimento precário de articular, explicitamente, as citadas tendências de evolução da subjetividade. Ressalte-se que é muito difícil “apontar o dedo” à dimensão da existência humana que se estende do Ser ao Não-Ser no mundo.

Reprime-se, então, o estar-no-mundo assim como o vir-ao-mundo, através de um permanente enchimento com temas, projetos, compromissos. Coloca-se perante a tarefa de acolher a errante saudade de redenção e de mostrar à grande negação oculta o caminho para o ar livre, o solidário, o transmutável.

Desse modo, é evocado o modo de ser de uma mulher que, na mesma medida em que está no mundo, está no salto para o mundo, ou na queda no mundo – se preferir esta metáfora de movimento gnóstico original. Sobre isso, outro aspecto importante é que alguns terapeutas notam no cotidiano dos seus pacientes uma atitude que descrevem como um capricho à incurabilidade, ou seja, alguns dependentes aliam-se às drogas para irem buscar nelas aquilo que pelas suas próprias forças já não conseguem refazer, logo, a resolução de interromper a continuidade obrigaria a uma realidade medíocre para eles.

A droga só pode tornar-se poderosa na medida em que se torna indispensável a uma falta de vontade de ser. A droga só torna-se senhora da alma enquanto criada privada e clandestina da tendência para o não-ser. Desde a cisão nuclear da divindade até a teoria

⁶Sloterdijk destaca que estão dois fatores sobre isso: Por primeiro, *o emudecimento dos deuses* – se oculta uma das mais significativas censuras da história da consciência, que nós próprios somos membros de uma civilização marcada desde há muito tempo pelo silêncio dos deuses, pois os deuses definitivamente estão excluídos dos conteúdos de experiências possíveis e admissíveis. Segundo, *a desritualização do domínio* – quando os deuses se calam, vem à luz uma tendência para a descodificação do êxtase, pois quando o êxtase se torna não informativo, porque os deuses estão cansados de se manifestar e as imagens de embriaguez perdem a nitidez dos seus contornos, impõe-se um modo superficial e desritualizado de lidar com as poderosas substâncias.

freudiana do instinto de morte, não faltaram, na tradição ocidental, tentativas de substancializar a grande negação do mundo, do corpo e do Eu.

4. Espaços cotidianos de poder feminino na cidade

O exercício do poder doméstico foi objeto de numerosos trabalhos, sendo necessário, portanto, recolocá-lo sob o ângulo das relações de poder. Ver como as mulheres tomam posse do espaço da casa, da rua ou da vizinhança, como elas mantêm ali redes de solidariedade que excedem amplamente a família, para estruturar, às vezes, a rua ou o bairro, como elas organizam o tempo do trabalho doméstico, tanto sobrecarregado quanto frouxo, que pode lhes deixar liberdades, sempre um pouco furtivas: a leitura, por exemplo, figura por muito tempo com um gozo roubado. Tais pesquisas esclarecem as modalidades do poder cotidiano das mulheres.

No cotidiano doméstico, as mulheres, principalmente as esposas, exercem poderes, delegados e compensadores, sobre seus subordinados: ascendentes, geralmente maltratados, filhos repreendidos, empregadas domésticas, mulheres governadas por outras mulheres, o que coloca de maneira ruidosa a relação sexo/classe; no caso de família ampliada e de coabitação das gerações, muito praticada ainda em certas zonas rurais, a autoridade das sogras sobre seus genros é geralmente inflexível. Assim constroem-se hierarquias, pirâmides onde o poder patriarcal aparece como diluído, exterior e longínquo.

Muitas mulheres ratificam, de fato, sua exclusão por seu desinteresse ou pela desvalorização das questões públicas e políticas; a preocupação dos homens, desinteressante, até mesmo sutil, não é para as mulheres. Elas investiram todas as suas energias na construção de uma esfera privada, autônoma, geralmente alegre, que dá coerência à sua vida, que elas erigiram em um sistema de valores, até mesmo em uma verdadeira mística feminina e fundamento de uma cultura feminina e de uma consciência de gênero.

Segundo Perrot (2005), uma mulher não deve sair do ciclo estreito traçado em torno dela, visto que obstinada em quebrar este cerco e que se suicidará com seu próprio fracasso. As mulheres souberam apossar-se dos espaços que lhes foram deixados ou confinados, para desenvolver sua influência junto às portas do poder.

É importante lembrar que o acesso das mulheres ao poder, e singularmente ao poder político, foi sempre difícil em todas as cidades. A política define-se e organiza-se com um domínio masculino e excludente das mulheres. Sua definição baseia-se no século XIX, sobre a teoria das esferas, tentativa europeia de racionalização da sociedade em que os papéis, as

tarefas e os espaços são equivalentes dos sexos. O público, cujo coração é ocupado pela política, pertence aos homens. O privado, cujo centro é ocupado pela casa, é delegado às mulheres (sob o controle dos homens). Apolítica supõe tempo, horários ilimitados, um lazer oposto ao tempo doméstico das mulheres. Enfim, a própria concepção da política como competição sem misericórdia, batalha e execução (ao menos simbólica) é distanciada dos chamados valores femininos. Há, na política, uma singular violência que não atrai necessariamente as mulheres.

Outro aspecto importante do lugar da mulher na cidade é o alargamento do espaço através do processo de migrações e viagens, com muita suspeita sobre esses deslocamentos e, sobretudo, das mulheres sós. No entanto, as mulheres participaram amplamente da mobilidade que, com a ajuda do desenvolvimento dos transportes, tomou a sociedade ocidental, sobretudo após 1850. Migrantes, por necessidade econômica ou política, elas foram também viajantes por obrigação e por escolha, o que não deixou de ter consequências sobre a visão de mundo.

Para Perrot (2005), as imigrantes rurais, sobretudo as empregadas domésticas, foram mediadoras culturais das modas, dos consumos e das práticas urbanas, inclusive no que se refere à contracepção. No fim do século XIX, elas inverteram os papéis. Suas famílias, aliás, opõem-se, doravante, a deixá-las partir: independentes demais, essas moças estão perdidas para o campo, onde, a partir de então, cresceu o celibato, enquanto o número de mulheres jovens é superior em 20% ao dos homens nas grandes cidades. As migrações nos convidam a abandonar a ideia de mulheres enclausuradas e imóveis. As mulheres do século XIX mexem-se, deslocam-se, viajam, andam em barcos de passageiros, em berlindas, mais tarde, na estrada de ferro que prevê, aliás, cabinas para mulheres sozinhas.

Segundo a série de dados propriamente urbanos, as migrações haviam introduzido certa confusão dos espaços e dos sexos. Daí, progressivamente, o desejo de ordenar a cidade pela circulação dos fluxos e a especialização dos espaços. Nesses dois níveis, as mulheres são atingidas. As mulheres do povo circulam, usando a cidade como uma floresta, um território de livre percurso, onde pode-se encontrar sua subsistência.

5. Trabalho das mulheres no cotidiano da cidade

Para Simmel (2005, p.286), as cidades são o local da mais elevada divisão econômica do trabalho. Elas criam assim fenômenos tão extremos como, em Paris, a lucrativa profissão de *quatorzième*: pessoas, que se dão a conhecer por letreiros em suas casas e que, à hora do jantar, estão prontas, com trajes adequados, a serem rapidamente convidadas a

participar de jantares em que o número de pessoas da mesa seja treze. Precisamente na medida de sua expansão, a cidade oferece cada vez mais condições decisivas da divisão do trabalho: um círculo que, mediante a sua grandeza, é capaz de absorver uma variedade extremamente múltipla de realizações, ao mesmo tempo em que a concentração dos indivíduos e sua luta pelo cliente coagem o singular a uma especialização das realizações, na qual ele não podese tão facilmente desalojado por um outro. O decisivo é que a vida cidadina metamorfoseou a luta com a natureza por obtenção de alimento em uma luta entre os homens, de sorte que o ganho que se disputa não é concedido pela natureza, mas sim pelos homens.

Por outro lado, segundo Pais (1986), mostra que também para alguns estudiosos do cotidiano que se reivindicam do marxismo, a vida cotidiana compõe-se, em sua trivialidade, de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos, horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo de natureza e tempo de racionalidade. O estudo da atividade criadora tem, portanto, conduzido à análise da reprodução, isto é, das condições em que as atividades produtoras e as relações sociais reproduzem-se, recomeçam, renovam ou, ao contrário, transformam-se gradualmente ou por saltos. Reprodução das relações sociais que visaria, em última instância, a manutenção da coesão social:

Uma sociedade perde toda a coesão se não restabelece a unidade. Como o faz a sociedade moderna? Organizando a mudança da cotidianidade. Segundo esta corrente, a eficácia socioinstitucional avaliar-se-ia, assim, de acordo com a capacidade de estruturação da vida quotidiana. Em certa medida, os fragmentos da vida quotidiana aparecem, nesta perspectiva, recortados, cada um deles pertencendo a um conjunto determinado de organizações e instituições: trabalho, vida privada e ócio explorar-se-iam de forma racional, incluindo a organização (comercial e planificada) do ócio. A própria cultura de massa preencheria quotidianamente o tempo de lazer com *espectáculos-guia*. A ocupação de ócio manifestar-se-ia como um estilo de vida, como uma ética da sociedade e moldura dos valores que ela propõe (PAIS, 1986, p. 38).

Apesar de centrarem o estudo da vida cotidiana no indivíduo e na rotina, segundo Pais (1986), alguns marxistas não deixam, por conseguinte, de encarar o cotidiano como um terreno de luta de classes. As classes exploradas, imersas no cotidiano, poderiam assim contribuir para a sua negação ou transformação: ao contrário do que justamente acontece com a burguesia, que construiria o cotidiano de forma a estruturá-lo como instrumento de poder e de dominação social, ao mesmo tempo que a ele se escaparia, vivendo, graças ao dinheiro, um perpétuo “domingo da vida”.

A partir disso, mostra-se o trabalho das mulheres no cotidiano das cidades, iniciando como a ideia de caridade. No cotidiano das cidades, a caridade como antigo dever das cristãs conduzia, desde há muito tempo, as mulheres para fora de suas casas: visitar os pobres, os prisioneiros, os doentes, traçava, na cidade, itinerários permitidos e abençoados. A amplidão dos problemas sociais no século XIX transformou esse hábito em exigência. Na filantropia, gestão privada do social, as mulheres tinham um lugar de importância: atividade como distinção das tarefas domésticas. Católicos e protestantes – os primeiros mais diretivos, os segundos mais propensos à autonomia – exortavam as mulheres do mundo, em relação a assumir a situação material e moral dos mais desfavorecidos.

Para esse trabalho de amor, as mulheres não deviam esperar nenhuma retribuição: fazer a limpeza da cidade é tão gratuito quanto fazer a limpeza da casa. Na obscuridade de um voluntariado anônimo, uma imensa energia feminina foi engolida, cujos efeitos sociais são difíceis de avaliar. No entanto, a filantropia constituiu, para o cotidiano das mulheres, uma experiência não negligenciável que modificou sua percepção do mundo, seus sentidos de si mesmas e, até certo ponto, sua inserção pública, através do processo da transformação do trabalho de caridade para o social.

O trabalho na filantropia teve múltiplos efeitos sobre as relações entre os sexos na cidade. As mulheres acumulavam saberes e práticas que lhes conferiam uma função de peritas em potencial. Através do modesto pessoal remunerado por meio dos relatores de ambos os sexos, ou ainda por meio das primeiras mulheres inspetoras das mulheres (nas prisões, escolas, ateliês, fabricas), elas tinham acesso a funções de autoridade e ao trabalho social em vias de profissionalização. Ensinar, cuidar, assistir: essa tripla missão constituiu a base das profissões femininas que levaram, por muito tempo, a marca da vocação e do voluntariado.

Segundo Perrot (2005), dos lugares femininos na cidade, aparece a função mercantil das mulheres, tanto no nível da venda quanto da compra: elas inscrevem-se no espaço dos mercados de todo tipo. O século XIX tende a limitar, a especificar os lugares de troca, a fazer mercados cobertos, grande preocupação do segundo império, em suma, a colocar para dentro os comerciantes – e as mulheres – em locais precisos e fechados, mais fáceis de limitar e controlar. Ora, a tendência das mulheres é de vender em toda parte, ou ao ar livre. Pouco a pouco, a mercadoria vai para dentro dos mercados cobertos e das lojas. As bancas desaparecem, assim como se apagarão mais tarde as vendedoras de frutas e de legumes. As lojas tornaram-se os principais locais de encontros das mulheres, pontos fortes e fixos de sua vida cotidiana e de bairros mais estruturados, espaços intermediários dotados de um forte poder de integração. As lojas de departamentos, local privilegiado das mulheres, do desejo

controlado das mulheres, fornecem, por si só, um exemplo de um espaço a ser analisado tanto no plano espacial quanto no do trabalho e do consumo.

No cotidiano das cidades, as funções de operárias são duplamente negadas: como mulheres, por serem tais funções a antítese da feminilidade; como trabalhadoras, pois seu salário, estatutariamente inferior ao do homem, é considerado como um complemento ao orçamento da família, que define sua tarefa e seu destino. Setores produtivos inteiros lhes são fechados. E no século XX, a identidade operária constrói-se segundo o modo da virilidade, tanto no nível do cotidiano e do privado, quanto do público e do político.

Essas observações, certamente, não esgotam o tema da hospitalidade urbana. Seria necessário realizar um inventário desses locais e de suas formas, públicas e privadas, na diversidade de suas funções. Mas não se pode fazer a abstração da diferença dos sexos que percorre e faz o traçado da cidade, espaço social, étnico e sexuado.

Assim, como seria possível situar-se fora do cotidiano das cidades? Como resposta, pode-se usar a dualidade do “sim e não”, pois para situar-se fora do cotidiano, a mulher tem que estar no cotidiano, numa espécie de zona de fronteira do cotidiano, em plenitude e equilíbrio, num indo e vindo, para se chegar à arte de estar e, ao mesmo tempo, de não estar no cotidiano.

6. REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 2002.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- FORTUNA, Carlos. Imaginando a democracidade: do passado da sociologia para o futuro das cidades. In: LEITE, Rogério P. **Cultura e Vida Urbana: ensaios sobre cidade**. São Cristóvão: UFS, 2008.
- GIDDENS, Antony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Nas Rotas do Quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº 37, junho, pp. 105-115, 1993.
- _____. **Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana**, *Análise Social*, vol. XXII, n. 90, 1986, pgs. 7-57.
- _____. **Cotidiano e Reflexividade**. *Educação & Sociedade*, vol. 28, n. 98, 2007, pgs. 23-46.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. (Tradução Viviane Ribeiro). Bauru SP: EDUSC, 2005.

_____. **Femmespubliques**. Entretiens avec Jean Lebrun. Paris: Textuel, 1997.

SAND, George. **Politique et Polémiques** (1843-1850). Présenté par Michelle Perrot. Paris: Imprimerie Nationale, 1997.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. **MANA**. nº 11(2), pp. 577-591, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. **O estranhamento do mundo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.